

Memórias, cultura é memória.

Josebel Akel Fares

Um dos portais seguros de entrada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, da PUC-SP, com certeza são os cursos sobre memória, ministrados pela profa. Jerusa Pires Ferreira. Muitos entram por aí. Alunos de mestrado ou doutorado apreensivos, nervosos, tímidos, ali compreendem que é hora de esticar as asas, abrir os ouvidos e limpar a voz para construir conceitos, discutir experiências, expor idéias e dúvidas, e ouvir muito sobre diferentes aspectos que envolvem o tema, como tempo, espaço, formas, abordagens.

Entrei no doutorado de Comunicação e Semiótica por um desses cursos. Participei de dois. No primeiro *Cultura é Memória* em 1999, a ementa propunha:

Enfocar alguns itens fundamentais para uma discussão *Cultura/Memória*. Tendo em vista as conexões Comunicação, História, Semiótica da Cultura, situam-se as poéticas da oralidade e da visualidade, a noção de *memória icônica*. Serão analisados alguns tópicos, para colocar os conceitos de texto cultural, situar a longevidade de certos princípios da cultura, a organização da *semiosfera* e ainda a noção de diálogo e os códigos da teatralidade e do gesto.

Os cursos da professora Jerusa sempre trazem abordagens inovadoras aos estudos da memória. Ainda tive oportunidade de participar da disciplina *Memória do Futuro: Profecia, Voz e Milênio* no segundo semestre do mesmo ano, cuja ementa explicava que:

No universo das culturas populares constrói-se uma articulação das esperas messiânicas aos projetos imaginários de transformação – salvação, que se recriam e atualizam, no sentido de fazer do Milênio a confluência e interação de passado e futuro. Neste curso será analisada a construção de textos de cultura que exemplifiquem a tradição em processos transmissivos, incluindo naturalmente o espaço-tempo de utopias e messianismos.

Na bibliografia básica constavam Iuri Lotman, Aaron Gourevitch, Paul Zumthor, Frances Yates, Mary Carruthers e Jerusa Pires Ferreira. Todavia, muitos outros teóricos faziam parte da bibliografia do curso, como Henri Bergson, Maurice Halbwachs, Leroi-Gourhan, Jacques Le Goff, Walter Benjamin, Claude Filteau, Jeanne Marie Gagnebin, Jean Pierre Vernant, Fausto Colombo, Sigmund Freud, Lacan e Platão.

A relação entre estudiosos experientes com estudantes que se iniciam na discussão do tema da memória, ultrapassa o espaço formal da docência. O Centro de Estudos da Oralidade debate incessantemente a questão nas reuniões ordinárias e extraordinárias, com a presença de convidados, nas programações anuais:

Coordenado por Jerusa Pires Ferreira, o Centro de Estudos da Oralidade abriga pesquisas e atuações relacionadas à cultura, memória, imaginário e poéticas do oral, agregando pesquisadores e estudiosos de diversas áreas, tendo como objetivo a discussão e interação crítica das várias pesquisas. A produção do Centro tem se empenhado na formação de pesquisadores, cuidando ainda da organização de colóquios, participações em congressos internacionais, elaboração de material de pesquisa reunido em publicações e seminários. O Centro conta também com um acervo memorial mediatizado, a partir dos repertórios coligidos de pesquisas e depoimentos de artistas e pesquisadores. Esses trabalhos têm tido ampla repercussão nacional e internacional em outros centros de pesquisa e na mídia, o que vem consubstanciar sua importância. Nos últimos anos, consolidaram-se inúmeras parcerias com pesquisadores e centros nacionais e internacionais, destacando-se a *Fédération Internationale de*

Chercheurs en Littératures Populaires, coordenada pelo Prof. Charles Grivel (Universidade de Mannheim), o Centre de Recherches sur la Littérature Populaire (Prof. Jacques Migozzi, Universidade de Limoges, França). Há um projeto internacional em curso: "La Culture en Transit" (Chaire de Recherche en "Transferts Littéraires et Culturels" – Prof. Walter Moser, Universidade de Ottawa, Canadá). O Centro vem desenvolvendo intensos trabalhos sobre a tradução da obra de Paul Zumthor, que tem resultado numa série de publicações que envolvem oralidade, corpo e mídia.¹

Recorro ao registro de algumas dessas reuniões e encontro, entre as minhas anotações, a relação de participantes, convidados e temas do grupo: Gilmar de Carvalho (memória da xilogravura), Hudson Moura (memória e exílio), Josete Monzani (memória arqueológica), Sonia Queirós (memória, transcrição e transcrição), Magali Fernandes (memória psicografada), Ludmila Brandão (memória e espacialização), Mário Cezar Leite e Josebel Fares (memória e mito), Lúcio Agra (velocidade da memória), Mônica Rebeca Nunes (memória e mídia), Renato Cohen (memória e performance), Amálio Pinheiro (Memória e paisagem), Márcio Selligman (memória e exílio), Mirian Chnaiderman (memória e consciência), Helena Katz (memória do gesto), Antonietta Antonacci (os trabalhos da memória) e ainda outros temas, como memória e festa, memória e editoria, memória e música, memória e profecia, memória e testemunho, memória e futuro e, memória e segredo.

Há muitos outros registros, porém como a idéia desse memorial é apenas uma introdução ao texto, guardo o levantamento de temas para compor um glossário da memória. O texto que apresento a seguir, com alterações, foi formulado durante a disciplina *Cultura é memória*, no primeiro semestre de 1999, para o verbete "Tempo, Memória, Oralidade", do referido glossário. É com ele que presto minha

¹ Descrição do Centro no site do CNPq.

homenagem aos 40 anos de docência da mestra, orientadora e, sempre, amiga Jerusa.

Tempo, Memória, Oralidade: breves palavras



Mnemosyne, mosaico greco-romano de Antioquia, Museu Antakya, Turquia

Presente desde a antiguidade clássica, o tema da memória ocupa assento importante no panteão grego. A deusa *Mnemosyne* dirige a função poética, é a mãe das musas, responsáveis pela inspiração dos poetas. Jean-Pierre Vernant (1973, pp. 71-97), no conhecido estudo *Aspectos míticos da memória*, reflete sobre o papel da divindade naqueles tempos imemoriais. A memória relaciona-se com as intervenções sobrenaturais, a poesia é uma forma de possessão e de delírio divino: os aedos criam incorporados pelas musas. Comparado ao profeta, que se inspira em Apolo, o pesquisador confere aos dois, poeta e profeta, dons de vidência, diferenciando-os na questão temporal: o adivinho faz prospecção, projeta o futuro; o rapsodo baseia-se no passado, não o individual, mas o dos tempos primordiais. A memória transporta o poeta ao coração dos acontecimentos antigos da coletividade.

Mneumon porta lembranças individuais para arbitrar em decisões jurídicas, caso necessário. A memória exerce, então, um poder sagrado, que lhe é outorgado por uma sociedade puramente oral, na qual os únicos registros são as narrativas míticas. Depois da invenção da escrita, à personagem concede-se a guarda dos documentos escritos e organização dos calendários. Jacques Le Goff (1992, p. 429) refere-se aos homens-memória, como os guardiões dos códices reais, historiadores da corte, depositários da história objetiva e da história ideológica. Assim, a memória individual guarda bens da comunidade e a memória coletiva é mito e história. O registro dos fatos individuais e sociais, nas sociedades ágrafas ou naquelas em que a escrita é e não é muito recorrida, depende exclusivamente da memória ou desmemória humana.

Memória e esquecimento.

Hesíodo, nos versos da Teogonia, segundo Jaa Torrano (1991, p. 29), metaforiza o reino do ser como o da memória, o do não-esquecimento, o da aparição (*alethéa*); e o da negação do ser como o da manifestação da Noite e de seus filhos, entre eles está o Esquecimento (*léthe, lesmosyne*). Com a presença destas outras personagens do mundo clássico, apreende-se a idéia das cosmogonias e escatologias.

Vernant (1973, pp. 79-80), comenta os processos de construção no mundo platônico. Platão, que acredita na reencarnação, defende que a rememoração do passado necessita do esquecimento presente, o agora carece da morte para reviver o ontem. O homem não pode voltar a terra sem ter bebido na fonte de *Lethes*, sem ter perdido a lembrança e a consciência de suas vidas passadas. O destino das almas, após a morte, depende da memória, pois como fonte de imortalidade, se liga à história mítica dos indivíduos, às transformações advindas de

reencarnações sucessivas. *Mnemosyne* oferece aos mortais o meio de atingir o fim do tempo, de colocar um termo no ciclo das gerações. As águas do esquecimento apagam a lembrança do mundo e das realidades celestes nos reencarnados. *Lethes*, pois, não é símbolo de morte, mas de retorno à vida, à existência no tempo.

O bloco de cera de Platão (1973, pp. 191-192), metáfora da mente humana, armazena ou apaga os acontecimentos da vida. No diálogo *Teeteto*, Sócrates ensina os processos de elaboração da memória e do esquecimento ao discípulo:

Suponhamos agora, só para argumentar, que na alma há um cunho de cera; numas pessoas, maior; noutras, menor; nalgum, de cera limpa; noutros com impurezas, ou mais dura ou mais úmida, conforme o tipo, senão mesmo de boa consistência, como é preciso que seja [...]. Diremos, pois, que se trata de uma dádiva de Mnemosine, mãe das Musas, e que sempre que queremos lembrar-nos de algo visto ou ouvido, ou mesmo pensado, calcamos a cera mole sobre nossas sensações ou pensamentos e nela os gravamos em relevo como se dá como os sinetes dos anéis. Do que fica impresso, temos lembrança e conhecimento enquanto persiste a imagem; o que se apaga ou não pode ser impresso, esquecemos, ignoramos (Platão, 1973, pp. 87-88).

Em *Tradição e Esquecimento* Zumthor² (1997) afirma que a memória alia-se a tradição no sentido de que ambas são coletivas e, de certo modo, instalam modelos, padrões, guardam experiências do grupo social e assim a “memória do grupo tende assegurar a coerência de um sujeito na apropriação de sua duração: gera a perspectiva em que se ordena uma existência e, nesta medida, permite que se mantenha a vida” (1997, pp. 13-14).

² Paul Zumthor estuda a memória em diferentes obras. Enfatizo o capítulo Memória e comunidade, de *A Letra e Voz: a literatura medieval* (1995), e o livro *Tradição e Esquecimento*. Recorro ao segundo texto para fazer algumas anotações sobre o pensamento do autor sobre o tema.

O medievalista estabelece graus de registros diferenciados entre a memória oral e a escrita: a oral é mais coletiva, ou seja, quando a língua é grafada parece escapar mais do domínio do coletivo, as leis escritas impõem as normas do registro. Todavia, nenhum destes fatores impede a função primordial da memória que é a seleção. “As nossas culturas só se lembram esquecendo, mantêm-se rejeitando uma parte do que elas acumulam de experiência, no dia-a-dia. A seleção drena duplamente o que ela criva” (Idem, p. 15). Esse processo de seleção, ao mesmo tempo, derrama, recupera ou determina aquilo que foi vivido o que tem chances de se manter funcional:

a comunidade adere memorialmente à formas de pensamento, de sensibilidade, de ação e de discurso graças as quais ela *funciona*, não somente porque ela os tem à sua disposição, mas por causa dos valores de que elas são carregadas (Ibidem).

O esquecimento está ligado ao desejo latente, que é dinâmico, rejeita em função de, “não anula, ele poli, apaga, e, por isto, clarifica o que deixa à lembrança, transformando-a em tipo, extraíndo daquilo que foi sua fragilidade temporal, sua incômoda primeira fugacidade” (Zumthor, 1997, p. 16). Nesse sentido, aos níveis do imaginário e do discurso, o esquecimento se torna um dos fundamentos de toda ficção. Esta é uma das importantes teses defendidas por Zumthor no texto, ora atendo-se a questão literária e exemplificando com alguns gêneros específicos, ora ampliando a leitura às poéticas no sentido do objeto artístico. Assim, atribui a memória-esquecimento duas funções ou dois níveis: a conservação de dados e o lugar das tensões criadoras – “O *buraco de memória* em regime de performance é menos acidente que ocasião para um episódio criador” (Idem, p. 21).

Discípula de Zumthor, Jerusa Pires Ferreira escreve em *Armadilhas da Memória*: “tento seguir a atuação de *lembrança* e *esquecimento*, no corpo mito-poético de nossos folhetos e outros textos orais; aí me refiro ao achado de Paul Zumthor, de que o esquecimento tem a função simbólica que faz dele o momento crucial para re-encarnações e escatologias” (1997, p. 7). Ferreira (1991) analisa o tema da memória-esquecimento sob a ótica dos processos de criação, especialmente nas poéticas orais. O esquecimento é concebido como o pivô do ato de criação, inseparável da poesia popular, que reproduz e recria os repertórios da tradição. A autora argumenta que essa reserva – conceitual, icônica, metafórica, lexical, sintática – tradicional, que a memória carrega pronta a se repetir, também incide nos lapsos de memória, buracos do esquecimento, ou brancos, que são os responsáveis pela recriação, pelo rearranjo.

Temos de distinguir alguns tipos de esquecimento que ocorrem no universo narrativo da poesia e do conto popular. Há o esquecimento profundo, a incapacidade absoluta de lembrar, aquilo que se esgarça, se perde ou por algum motivo se sepulta, não deixando que emergja para narrativa, e há o que desliza, sob os mais diversos pretextos, nas seqüências narrativas, situações em que se mascaram, eufemizam ou simplesmente se omitem fatos ou passagens (Ferreira, 1991, p. 14).

Portanto, a dupla apenas aparenta oposição. A omissão pode ser um processo intencional do indivíduo e da comunidade, que, muitas vezes, expulsa os elementos indesejáveis capazes de provocar tensão, lembra Ferreira. Menciono as adaptações dos textos orais para o escrito, feitas ao sabor do público virtual infantil, como, por exemplo, as transposições dos contos populares nos livros de Walt Disney, em que são distendidos os conflitos, para que a criança conviva apenas com o lado “doce” da vida. Há outros motivos do esquecimento, elucidados

como defeito de comunicação ou mal entendido e a noção de quebra, hiato – “mortes provisórias que se faria seguir da ressurreição”. Além das reflexões de cunho teórico, a autora revela essa relação, através de um estudo sobre narrativas orais e folhetos populares, em que esquecimento e memória se fazem argumentos e personagens da *enfabulação*.

O esquecimento como álibi aparece como tema na literatura popular. Ferreira enumera e estuda diferentes narrativas. Em *Eros e Psique*, de Apuleio, a heroína por causa do esquecimento que resultou na indiscrição e na revelação indevida é condenada a procurar o que perdeu e, por meio de rituais de purificação, é obrigada a refazer as provas. O tema do segredo que não deve ser revelado sob pena do castigo e a revelação dessa confiança por esquecimento aparece no romance da garça encantada. Em *História da Princesa da Pedra Fina* a beleza da princesa é responsável pelo esquecimento do mandado do rei. No estudo comparativo de narrativas orais, baseado nas versões da *Filha do diabo* e do *O reino do Vai não torna*, autora aprofunda a tese do esquecimento como pivô narrativo.

Metáforas e objetos trazem idéias de tempos pretéritos, presentes, futuros relacionados a algum aspecto da memória ou do esquecimento. A palavra lembrança, do francês *souvenir* [*venir* (vir) + *sous* (debaixo)], etimologicamente, significa trazer à tona o que está submerso, esquecido. No sentido material, tão explorado, o presente ou a “lembrança” serve para dizer ao outro que ele esteve presente em um momento ausente, uma forma de tornar presente as ausências do passado ou, ao contrário, as ausências se fazem presença no presente, que pode ser tempo e objeto.

O espelho registra a ação do tempo no homem e na cultura e também se alia ao entendimento dos processos *mnemônico* e *lesmônico*. No espelho, segundo Fentress e Wickham (1992), perde-se a noção de

original, as mudanças escapam à percepção diária pela pequenez e pela natureza habitual, a nossa recordação imediatamente anterior derrama-se. Nas narrativas orais, a alternância das histórias através de gerações também se perde. A versão contada hoje parece ser a mesma e assim sucessivamente. Sem o registro escrito, pouco se reconhece o processo de mudança, obliterado na transmissão oral do conto, que apaga suas próprias pegadas. As superposições textuais fazem esquecer a ocorrência do processo e a fala originária, o último texto sempre parece mais vivo.

A escrita, a fotografia e outras formas de inscrição registram o fragmento de um momento, apreendem um tempo e possibilitam os cotejos das imagens averbados. Essas formas de guardar a memória servem de exercício de percepção de mudanças: coloque-se diante espelho ao lado de uma foto sua de um passado próximo ou remoto, ou observe processos intertextuais, parafrásicos de uma mesma história no tempo e no espaço. Em que lugar se coloca o esquecimento e a memória?

Memória e Reminiscência

Sir David Ross (1987, p. 151) comenta sobre memória e reminiscência em Aristóteles. Entre as principais funções da imaginação, para além das interpretações da sensação presente, estão a formação de imagens persistentes e a memória. Esta referencia o passado, o tempo – “faculdade primeira da percepção” –, e o imaginário; não se pode conceber memória sem imagem. Apresentada como uma espécie de pintura ou impressão do objeto, a imagem preenche a função de nos tornar conscientes do original, como representantes “de algo e de algo passado”.

Atestadas essas duas condições está-se diante de algo mais complexo que a imaginação, está-se diante da memória, e alcança-se a

imagem mnemônica. Aristóteles hierarquiza essas funções. A memória atual contínua e a recordação do que já está completamente esquecido distinguem-se da reminiscência. “A reminiscência é a atualização, com ou sem esforço, da memória tornada simplesmente potencial, isto é, duma recordação ausente da consciência”. Ou seja, “reside no fato de os movimentos deixados nos nossos órgãos pelas percepções tenderem para se suceder segundo uma ordem regular” (Ross, 1987, p. 151). A associação de idéias procede por semelhanças, contrariedade e continuidade, a reminiscência de um objeto na experiência original tende a suceder-se a uma reminiscência de acordo com aqueles processos associativos. Finalmente, esclarece Zumthor (1993, p. 140), põem-se a memória no lugar da alma sensível e a reminiscência da alma intelectual.

Referências Bibliográficas

- FENTRESS, James & WICKHAM, Chris. *Memória Social: novas perspectivas sobre o passado*. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da Memória: conto e poesia popular*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.
- _____. À Medida de Paul Zumthor. Prefácio de *Tradição e esquecimento*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. Plataforma Lattes. [www.lattes.cnpq.br] acesso dezembro 2005.
- _____. Programa de Pós Graduação Comunicação e Semiótica. [www.pucsp.br /pos/cos] acesso dezembro 2005
- HESÍODO. *Teogonia, a origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão ... [et al.] 2.ed. Campinas, SP: ed. Unicamp, 1992.
- PLATÃO. *Diálogos*, Volume IX (Teeteto e Crátilo). Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1973.
- ROSS, Sir David. *Aristóteles*. Tradução Luis Felipe Bragança Teixeira. Lisboa: Dom Quixote, 1987. Coleção Opus, Biblioteca de Filosofia, no. 3.
- TORRANO, Jaa. *O Mundo como Função de Musas. Em Teogonia, a origem dos deuses de Hesíodo*. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- VERNANT, Jean Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos: estudo de psicologia histórica*. Tradução de Haiganuch Sarian. São Paulo: Difusão Européia do Livro, EDUSP, 1973.

ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz: a "literatura" medieval*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Tradição e esquecimento*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.

Josebel Akel Fares Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), mestra em Teoria Literária (UFPA). Professora do Departamento de Arte e do Mestrado em Educação, coordenadora do Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (Cnpq) da Universidade do Estado do Pará. Docente de Cultura Amazônica, do curso de licenciatura em Letras, da Universidade da Amazônia/PA. [E-mail: belfares@uol.com.br]